

Morte: um campo de estudo da Ciência da Religião?

Death: a field of study for Science of Religion?

 <https://doi.org/10.23925/ua.v27i43.e62130>

Camila André de Souza¹

Resumo: A discussão proposta neste texto é a de compreender se o tema da morte se enquadra como campo de estudo relevante para a Ciência da Religião (CR), por meio de uma breve revisão de como tem sido tratada a temática no campo. Além disso, pretende-se fazer uma breve demarcação sobre quais são as bases epistemológicas e metodológicas próprias dessa área de pesquisa. Discute-se sobre uma abordagem comum entre antropólogos do século XIX e início do século XX, de se considerar o medo da morte como início das religiões, perspectiva que não se consolidou com o tempo. Avançamos para uma abordagem que considera a interface com o tema da morte como relevante para CR considerando as suas implicações da experiência de morte para os humanos e os modelos de enfrentamento oferecidos pela religião diante de grandes perdas. Em seguida demarcamos qual é a perspectiva de estudo sobre a morte que se enquadra no campo da CR. As discussões apresentadas neste artigo indicam que o tema da morte é altamente relevante e sua correlação com o campo da religião mostra-se muito pertinente já que a religião costuma ser uma importante fonte de sentido para experiências de ansiedade existencial.

Palavras-chave: Morte; ciência da religião; religião.

Abstract: The discussion proposed in this text is to understand if the theme of death fits as a relevant field of Science of Religion (SR), through a brief review of how the theme has been dealt with in the field. The aim is also to making a brief demarcation about what are the epistemological and methodological bases of this research area. We discuss a common approach among nineteenth- and early twentieth-century anthropologists of considering the fear of death as the beginning of religions, a perspective that has not been consolidated over time. We move to an approach that considers the interface with the theme of death as relevant to SR considering its implications of the experience of death for humans and

¹ Psicóloga clínica (UNIPSP), Especialista em Psicoterapia Junguiana (UNIPSP) e Mestranda em Ciência da Religião (PUC-SP).  0000-0003-0413-6530, souzacamila.psi@gmail.com

the coping models offered by religion in the face of great loss. We then demarcate which perspective of studying death falls within the field of SR. What the discussions presented in this article indicate is that the theme of death is highly relevant and its correlation with the theme of religion proves to be very pertinent since religion is usually an important source of meaning for experiences of existential anxiety.

Keywords: Death; Science of Religion; religion.

Introdução

Para que a Ciência da Religião (CR) se constituísse como área de estudos relativamente autônoma foi percorrido um longo e complexo trajeto. Segundo a cronologia apresentada por Usarki (2006, p.15-28), em 1867 Max Müller apresenta o termo “Ciência da Religião” no prefácio de seu livro *Chips from a German Workshop* para designar uma disciplina própria, em 1873 é inaugurada a primeira cátedra em CR, em 1876 Cornelius Peter Tiele aborda a história das religiões em *Geschiedenis Van Den Godsdienst Tot Aan De Heerschappy Der Wereldgodsdiensten* e entre 1887 e 1889 Daniel Chantepie de la Saussaye publica o *Manual da História da Religião*.

No decorrer de sua história, o campo já passou por muitas transformações e no caso específico da temática deste artigo, a morte, ela já ocupou um papel central em teorias da CR. Em certo momento da história da área (final do século XIX e início do século XX) intentou-se descobrir quais seriam as possíveis origens do fenômeno religioso e alguns teóricos defendiam que essas origens teriam relação com a experiência da finitude da vida.

No entanto, essas perspectivas teóricas que defendiam que a morte estaria relacionada com a origem das religiões não se mostraram resistentes às críticas como discutiremos mais adiante no artigo. Sendo assim, neste trabalho buscou-se compreender se apesar dessas perspectivas não terem se consolidado com o tempo, o tema da morte continua a se enquadrar como um campo de estudo relevante para a CR. Além disso também foi feita uma breve demarcação sobre quais são as bases epistemológicas e metodológicas próprias dessa área de pesquisa.

Com base neste objetivo, será realizada uma apresentação sucinta do que é hoje considerado o campo de pesquisa em CR e sobre como o medo da morte já foi muitas vezes associado ao início das religiões. Depois de traçar este panorama, será discutido sobre a pergunta central deste artigo: o tema da morte é um campo de estudo relevante para a CR?

Mais adiante, serão também apresentados dados sobre todos os estudos realizados dentro da pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Religião da PUC-SP. Esses dados

foram obtidos no repositório de teses e dissertações do programa e uma breve discussão sobre o quão numericamente expressivos são estes estudos no programa.

É importante destacar que este trabalho não tem como objetivo elaborar um modelo original, mas antes revisar de maneira organizada as perspectivas que já se fizeram presentes no campo e demarcar com nitidez as perspectivas metodológicas e epistemológicas fundamentadas na área de CR.

1 O campo da CR

A Ciência da Religião (CR) nasce na segunda metade do século XIX, mas ainda sem muita nitidez quanto ao seu caráter epistemológico e metodológico. Com muitas influências das ciências sociais e da teologia, surge com uma característica multidisciplinar e como uma possibilidade de estudo científico sobre o mesmo objeto de estudo da teologia: a religião (TEIXEIRA, 2013).

Apesar dos esforços realizados no sentido de dar coerência e consistência aos estudos realizados nesse novo campo disciplinar, verifica-se ainda ausência de clareza epistemológica. Na visão de Pierre Gisel, quando se diz "Ciência da Religião" há incertezas tanto quanto ao método como quanto ao objeto (TEIXEIRA, 2013, p.175).

Mas o que podemos entender por científico? Cruz propõe que a ciência é "um empreendimento que une rigor e cuidado empíricos, consistência lógica e teorias adequadas ao objeto de estudo" (CRUZ, 2013, p. 40). Dada a forte herança da teologia no caso da CR no Brasil, é imprescindível que fique clara a distinção entre um trabalho teológico (ou uma criptoteologia) e de fato a proposta da CR.

Usarski define a Ciência da Religião como:

[...] Um empreendimento acadêmico que sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais (2013, p.139).

Um ponto de conflito na constituição da CR como campo de pesquisa especializado é quanto a se saber se há algo que podemos chamar de religião ou se as religiões são tão diferentes entre si que não poderíamos incluí-las em uma mesma categoria. Se há algo específico do fenômeno religioso que justifica um campo de pesquisa independente, isso significa que poderíamos encontrar padrões o suficiente para traçar paralelos e fazer aquilo que a ciência faz de melhor: sistematizar para produzir uma aplicação geral do conhecimento. Como questiona Hock:

[...] será que é realmente possível encontrar na diversidade das religiões algo como o menor denominador comum que pode ser representado, com razão, pelo termo “religião” como termo universal? Ou será que não basta a aplicação de um termo universal de religião que barra uma compreensão adequada de “religião” distinta, porque, nesse caso, sempre estamos reduzindo nossa percepção da outra religião àquilo que corresponde à nossa compreensão de “religião” (2010, p. 22)?

Segundo Hanegraaff (2017, p. 203-204) há uma tensão entre a perspectiva histórica e a sistemática na CR. Ele afirma que por um lado, o conhecimento das mais diversas religiões aponta para uma enorme multiplicidade, por outro, como empreendimento científico, a CR tenta sistematizar os saberes como tentativa de produzir teorias gerais. Mas mesmo que seja complexa a tarefa, é essencial que se estabeleça um conceito de religião, ainda que reconhecidos seus limites, já que sem uma definição clara sobre o objeto que se pretende estudar a pesquisa pode partir de uma compreensão ingênua do fenômeno e ter sua qualidade comprometida.

[...] É possível definir religião, apesar do fato da pesquisa histórica e empírica detalhada parecer minar qualquer tentativa de fazer declarações “de aplicação geral”, “universais”, sobre religião ou fenômenos religiosos – para não mencionar a ideia ainda mais problemática de transcender o relativismo, formulando “leis universais” de evolução religiosa, revelando a função da religião na sociedade humana, ou a descoberta de uma “unidade transcendente das religiões” (HANEGRAAF, 2017, p. 205)?

No contexto da CR temos uma infinidade de definições que tentam abarcar o fenômeno da religião. É um campo um tanto nebuloso se considerarmos a multiplicidade de modos em que o conceito é proposto e a falta de consenso sobre a sua natureza. Mas na prática acadêmica é imprescindível que se parta de alguma definição, ainda que considerando seus limites. Uma definição clássica de religião utilizada por muitos autores da CR, é a de Geertz:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 67).

Mais de vinte anos depois, Hanegraaff (2017) faz uma revisão sobre diferentes definições de religião (de Émile Durkheim, Clifford Geertz, Melford Spiro, Milton Yinger e Jan Platvoet) e do “sagrado” (de Rudolf Otto, Mircea Eliade, Linda Sexson e Gregory Bateson). Para sanar o problema da multiplicidade e da falta de consenso sobre o conceito, ele afirma que é necessária uma definição tríplice: “(...) uma definição geral, inclusiva, de ‘religião’, seguida por uma subdivisão dupla. Além de ‘religião’, precisamos definir ‘religiões’ (sing. ‘uma religião’), bem como uma terceira categoria, que proponho referir como ‘espiritualidades’ (sing. ‘uma espiritualidade’)” (HANEGRAAF, 2017, p. 240).

E então ele propõe um outro conceito: “Religião - qualquer sistema simbólico que influencie as ações humanas, fornecendo possibilidades para manter contato ritualisticamente entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados.” (HANEGRAAF, 2017, p.239).²

Em sua revisão Hanegraaff (2017) já havia evidenciado a ideia proposta por Geertz de que “o ritual é fundamental para a crença” (p. 213). E já havia afirmado que: “A meu ver, o argumento de Geertz (em vez da versão resumida bem conhecida) implica em

2 Esse é o conceito geral proposto por Hanegraaff (2017, p. 239), mas essa definição é complementada por mais duas partes (seu modelo tríplice). Nessas duas outras definições complementares ele define as diferenças entre religiões e espiritualidades. Como esses nesse artigo o que nos interessou nessa definição foi a ênfase nos rituais, não nos aprofundaremos nessas outras discussões.

uma definição operacional de religião que pode ser formulada com maior precisão do que ele próprio fez,” (p. 214). Hanegraaff (2017) produz este novo conceito se baseando nesses argumentos de Geertz quanto ao papel do ritual, bem como evidenciando o que considera como específico da religião diante de outros fenômenos culturais (referência a um quadro metaempírico).

Se pensarmos a questão da ênfase nos rituais em relação à temática deste artigo, fica evidente não só a importância de se compreender as concepções de morte, como também as práticas que lhes fazem referência: os ritos fúnebres, assunto que retomaremos adiante.

2 A busca pelas origens da religião e o tema da morte

No século XIX houve um período em que o evolucionismo e os estudos sobre o desenvolvimento ganharam espaço nas ciências naturais. Essa tendência também afetou outros campos de pesquisa, como os estudos sobre religiões, fazendo com que muitos teóricos começassem a se perguntar sobre quais seriam as origens da religião e como ela evoluiria no decorrer da história (HOCK, 2010).

Ao fazer uma revisão sobre os autores que defendiam uma perspectiva evolucionista de religião, Hock (2010, p. 50-52) apresenta dois autores cuja conceituação acentuava o papel do tema da morte. Um deles é Herbert Spencer (1820-1903) que defendia que a origem da religião teria se dado no culto primitivo aos mortos e o outro é Edward Burnett Tylor (1832-1917) que acreditava que a religião teria surgido em um intercâmbio entre a experiência fundamental da morte e as vivências oníricas. De acordo com a perspectiva de Tylor, o sujeito no sonho teria uma sensação não-corpórea de si que serviria de embasamento para a concepção de uma vitalidade incorpórea: a alma e depois a ideia de seres metaempíricos. Em seu livro *Magic, Science and Religion*, Malinowski também afirma:

De todas as fontes da religião, a crise suprema e final da vida - a morte - é a de maior importância. A morte é a porta de entrada para o outro mundo em um sentido mais do que literal. De acordo com a maioria das teorias da religião primitiva, grande parte, se não toda, a inspiração religiosa foi derivada dela - e, nesse aspecto, as visões ortodoxas estão, em geral, corretas (1948, p. 29).³

Essa correlação entre morte e o início da religião era bem comum entre os antropólogos do século XIX e início do século XX, mas essas teorias acabaram se provando insatisfatórias por não apresentarem subsídios empíricos, evidências que corroborassem com elas (PAIVA, 2016). Um dos argumentos que contrariam a noção de que a experiência da morte estaria na origem das religiões vem de Bowker (1995). Ele afirma que ao analisar as concepções/crenças acerca da morte nas diversas culturas, os antropólogos se depararam com um fenômeno extremamente diverso. Ao contrário do que se supunha por aqueles que acreditavam que o medo da morte produziria paraísos compensatórios, o que temos de evidência sobre as religiões mais antigas de que se tem acesso (orientais e ocidentais) é de que elas não ofereciam nenhuma promessa ou compensação após a morte. Segundo Bowker: "(...) temos que reconhecer que as mais antigas indagações religiosas sobre a morte estavam focalizadas muito mais no rompimento e na desordem da morte, em como manter a ordem frente ao caos, à malevolência e ao deliberado desejo do mal (1995, p. 51)."

O que se observa é uma tendência de as indagações religiosas sobre a morte focalizarem no valor da vida humana. Bowker ainda estende a discussão ao afirmar que "quanto mais claramente uma religião não elabora a imaginação de um paraíso compensador ou de um inferno após a morte, mais agudamente surge a questão dos valores" (1995, p. 53).

Já Paiva (2016, p. 16) acredita que pode até haver uma relação entre a origem da religião e o medo da morte se considerarmos o fenômeno em um ponto de vista psicológico, mas ele mesmo aponta que não há evidências o suficiente para defender

3 Tradução livre: "Of all sources of religion, the supreme and final crisis of life—death—is of the greatest importance. Death is the gateway to the other world in more than the literal sense. According to most theories of early religion, a great deal, if not all, of religious inspiration has been derived from it—and in this orthodox views are on the whole correct."

essa ideia. Mas considerando que a experiência do medo da morte pode não ter sido a razão de nossos antepassados desenvolverem crenças metaempíricas, ainda assim, o tema da morte concerne à CR?

3 Morte e CR

Como experiência humana tão fundamental e visceral, o tema da morte é presente nas mais diferentes religiões, embora as concepções e as orientações para os rituais fúnebres possam variar imensamente. Partindo do ponto de vista fenomenológico-existencial, Giovanetti (2016) defende que o ser humano tem como necessidade dar ou encontrar um sentido para as experiências como maneira de construir um significado de seu existir. Assim sendo, não dispor um sentido para a morte, pode ser uma experiência traumática.

Giovanetti (2016) ainda afirma que, embora esse sentido possa vir de outros sistemas simbólicos, sendo a morte uma das experiências mais difíceis de dar significado, a religião acaba tendo um papel muito importante. Isso ocorre porque a grande maioria das crenças religiosas alega que há continuidade da vida após a morte, além de ser muitas vezes exercer um efeito estruturante do ponto de vista simbólico na vida do fiel.

Mas isso suscita uma outra indagação: se a religião parece exercer um papel importante no enfrentamento do tema da morte, como ficam os ateus? Farias e Delmonte (2016) realizaram um experimento com estudantes de escolas britânicas que avaliava a correlação entre crença na ciência e ansiedade existencial. O que os dados encontrados por eles sugerem é que crenças seculares também podem ser eficazes no enfrentamento do medo da morte. Eles afirmam que: "(...) quando se trata de acreditar, mesmo que seja crer no método científico em oposição à relação divina, o mecanismo psicológico subjacente pode ser similar (FARIAS E DELMONTE, 2016, p. 196)".

Um outro ponto de vista é aquele defendido por uma abordagem teórica dentro da psicologia social chamada Teoria do Gerenciamento do Terror que afirma que a religião tem o gerenciamento do medo da morte como uma de suas funções mais importantes. Neste sentido Vail et. al. (2010) afirma que:

Embora as crenças religiosas e seculares tenham muitas semelhanças, as visões religiosas do mundo proporcionam uma forma única e poderosa de segurança existencial. De fato, talvez não haja antídoto melhor para o medo humano da morte do que a religião (p. 85).

Sobre as crenças religiosas e o gerenciamento do medo da morte, Vail et. al. (2010) ainda aponta que se essa relação está posta, a natureza contraintuitiva das crenças religiosas aumentaria a necessidade de uma validação por parte dos demais, ou seja, evidencia um caráter social da crença. Freitas (2016) alega que morte e religiosidade são dois temas complexos, muito presentes na vida das pessoas e ao mesmo tempo mantem relações significativas entre si. Ela afirma que como forma de encontrar sentido para a morte “desde os tempos mais remotos o ser humano tem buscado na religião uma fonte de apoio e de explicações, propondo a continuidade da existência” (FREITAS, 2016, p. 61-62). Além disso, ela também afirma que os temas religiosidade e espiritualidade⁴ aparecem de maneira espontânea em muitas pesquisas que lidam com a temática da morte na formação e na prática profissional de saúde.

Nesse sentido, é possível observar que os dois temas (morte e religiosidade) muitas vezes se correlacionam. Por um lado, entender como as mais diversas religiões encaram a finitude da vida pode ser útil para compreendermos mais sobre os sistemas simbólicos das religiões. Por outro, estes estudos podem nos ajudar também a entender as implicações práticas que os modelos religiosos de enfrentamento da morte podem ter na vida individual e coletiva.

Outro aspecto importante no que se refere ao tema da morte é quanto as mais diversas maneiras como as culturas lidam com os seus mortos: os ritos fúnebres. Vale aqui lembrar a ênfase dada por Hanegraaff (2017) aos rituais em seu conceito de religião, herança da discussão já apresentada anteriormente por Geertz :

4 Neste texto a autora não evidencia sua compreensão sobre os conceitos de espiritualidade e religiosidade, embora estes sejam temas que causam debates dentro da área da Ciência da Religião. Como para os objetivos deste trabalho o que nos é importante saber é quanto a correlação da temática da religião com a da morte, não nos aprofundaremos aqui sobre as discussões destes conceitos (espiritualidade e religiosidade).

É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo – que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras (1989, p. 82).

Ou seja, é pelo ritual que as concepções religiosas (aqui neste caso, as concepções religiosas sobre a morte) emergem com convicção de serem verdadeiras. O estudo das mais diversas justificações religiosas para os tipos de rituais e sepultamentos é uma área de estudo que se caracteriza dentro da área de CR e a importância desses rituais para organização da vida em sociedade parece um fator especialmente importante. Pereira afirma que o velório é “uma oportunidade em que se assomam representações coletivas ou sociais em curso em torno do evento da morte e suas significações que apontam para aspectos relevantes da estrutura social” (2013, p. 2702-2703).

Em seus estudos sobre ritos de passagem, Van Gennep (2013) faz uma classificação dos ritos entre três fases: separação, margem e agregação. Teríamos, então: “ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação)...” (p. 30). No caso da morte, por exemplo, há um estado inicial de perda e rompimento com a ordem anterior. Após a perda, a comunidade passa por um estágio de indefinição temporária (liminaridade). E por fim há o surgimento de uma nova organização social (agregação). No caso das cerimônias fúnebres, ele percebeu que ritos de separação costumam ser mais simples, enquanto os de margem tendem a ser mais complexos e longos. Sobre o período de margem Van Gennep afirma:

Durante o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme fossem mais estreitamente aparentados ao morto. (...) Durante o luto a vida social fica suspensa para todos quantos são atingidos por ele e por um tempo tanto maior: 1º) quanto o vínculo

social com o morto é mais estreito (viúvos, parentes); 2º) quanto mais elevada era a situação social do morto (213, p. 129).

O estágio intermediário entre a separação e a agregação é chamado por Van Gennep de margem ou liminaridade, conceito que é ampliado por Turner (2013), o qual afirma que na fase de liminaridade há um esmorecimento da estrutura social e nele se constitui um estado outro, diferente do habitual. Nesse estágio temos o que ele define como *communitas*, a comunhão entre os membros da sociedade em um estado de suspensão do status social cotidiano. Durante essa fase liminar, a *communitas* se instaura de tal maneira que a estrutura hierárquica daquela comunidade é temporariamente interrompida:

(...) surge de maneira evidente no período liminar, é o da sociedade como um comitatus não estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais (TURNER, 2013, p. 99).

Turner (2013) afirma que: (...) se a liminaridade é considerada como um tempo e um lugar de retiro dos modos normais de ação social, pode ser encarada como sendo potencialmente um período de exame dos valores e axiomas centrais da cultura em que ocorre (p. 156)". E ainda defende: "As crises da vida proporcionam os ritos dos quais, ou por meio dos quais, são reestruturadas, às vezes drasticamente, as relações entre posições estruturais e ocupantes de tais posições (p. 162)".

Assim, podemos pensar os ritos fúnebres como maneira de reestruturar a vida após uma perda importante, podendo propiciar um estado de exame da própria vida por aqueles que sobrevivem. Segundo Torres (2022), o estudo dos funerais concerne sim à CR por serem "cerimônias coletivas que transitam ao longo da história de cerimônias religiosas para cerimônias civis (p. 473)". Ela defende que mesmo que os funerais em alguns casos tenham perdido o caráter nitidamente religioso e tenham passado por um processo de secularização, estudar como isso se dá na história também é de interesse da CR pela compreensão da ruptura com o modelo anterior. Ela afirma que:

Existe um traço em comum nos funerais: são cerimônias coletivas que transitam ao longo da história de cerimônias religiosas a cerimônias civis, sendo que ambas são de interesse da Ciência da Religião, pois em muitas sociedades a elaboração dos funerais civis está estritamente vinculada a um processo de ruptura com o pensamento religioso. [...] Podemos considerar os funerais religiosos inseridos num conjunto complexo de ritos cuja função é afastar a perplexidade da situação da morte do outro e, numa conjuntura em que a falha na ordem é estabelecida, o rito é a forma de negociar a alteridade a fim de inflecti-la em sentido positivo [...] (TORRES, 2022, p. 473).

Ou seja, há um sentido duplo em afastar a angústia da morte e em dar a ela um caráter mais otimista. Já Rodrigues (2006) afirma que nos ritos fúnebres podemos distinguir tanto um caráter de organização social e individual em uma transformação da dor, do desespero e da angústia em uma possibilidade de acolhimento e esperança.

Nada há de surpreendente, pois, em que os membros em que a sociedade se encarna e que ela perde venham a ser objeto de uma atenção especial, de cuidados e preocupações mortuárias, em uma palavra, de rituais. Os rituais da morte comunicam, assimilam e expulsam o impacto que provoca o fantasma do aniquilamento. Os funerais são ao mesmo tempo, em todas as sociedades – vê-los adiante – uma crise, um drama e sua solução: em geral, uma transição do desespero e da angústia ao consolo e à esperança (RODRIGUES, 2006, p. 20-21).

Somadas a essas reflexões, também se evidencia a importância do tema da morte em seu caráter político. Foucault apresenta o conceito de biopoder pela primeira vez no livro *Society Must be Defended*. Ele afirma que “Parece-me um fenômeno básico do século XIX o que pode ser chamado de domínio de poder sobre a vida”⁵ (FOUCAULT, 2003, p. 239). E explicita melhor sua ideia ao expor que:

Em certo sentido, dizer que o soberano tem o direito sobre a vida e a morte significa que ele pode, basicamente, fazer com que as pessoas morram ou deixá-las viver

5 Tradução livre: “It seems to me that one of the basic phenomena of the nineteenth century was what might be called power’s hold over life.”

ou, de qualquer forma, que a vida e a morte não são fenômenos naturais ou imediatos que não são primordiais ou radicais e que não estão fora do campo do poder (FOUCAULT, 2003, p. 240, *tradução nossa*).⁶

E é partindo dessa noção de biopoder que o filósofo e historiador camaronês, Mbembe define o conceito: necropolítica. Necropolítica ou necropoder seriam formas de sitiar o outro e estabelecer estados de exceção em que as mortes não é somente permitida, mas muitas vezes desejável; condições implementadas pela soberania que definem o valor da vida dos sujeitos (MBEMBE, 2018). Como exemplo de uma necropolítica bem-sucedida, Mbembe aponta para o caso da ocupação da Palestina:

Aqui o Estado colonial tira sua pretensão fundamental de soberania e legitimidade da autoridade de seu próprio relato da história e da identidade. Essa narrativa é reforçada pela ideia de que o Estado tem o direito divino de existir; e entra em competição com outra narrativa pelo mesmo espaço sagrado. Como ambos os discursos são incompatíveis e suas populações estão entrelaçadas de modo inextricável, qualquer demarcação de território com base na identidade pura e quase impossível. Violência e soberania, nesse caso, reivindicam um fundamento divino: a qualidade do povo é forjada pela adoração de uma divindade mítica, e a identidade nacional é imaginada como identidade contra o Outro, contra outras divindades (2018, p. 40).

Como podemos observar aqui, o fator religioso também se insere no contexto de validador da dominação, da violência e morte. Dessa forma podemos pensar que o estudo sobre as concepções de morte presentes nas mais diversas tradições religiosas também pode trazer importantes implicações políticas.

Mas tanto o tema da morte como o tema dos ritos a ela associados não se restringem ao campo religioso. É possível pensá-los sob a ótica estética, sanitária, ecológica, biológica, psicológica etc. E ainda que pensados no campo religioso, seria possível estudar a morte também em uma perspectiva teológica ou filosófica. Então qual seria a perceptiva de

⁶ Tradução: "In one sense, to say that the sovereign has a right of life and death means that he can, basically, either have people put to death or let them live, or in any case that life and death are not natural or immediate phenomena which are primal or radical, and which fall outside the field of power."

estudo sobre o tema da morte que se enquadraria na proposta epistemológica da CR? Ou dito de outra forma, qual seria a postura adequada ao pesquisador e de quais teorias ele se valeria para fundamentar sua pesquisa sobre a morte em CR?

Uma característica evidente da CR, é o seu caráter multidisciplinar. Dentro deste campo de pesquisa encontramos uma variedade de referenciais teóricos que são emprestados da sociologia, da antropologia, da psicologia, da neurociência, entre outras áreas de conhecimento científico. Essas mais diversas teorias são utilizadas com suas técnicas próprias para estudar um mesmo fenômeno: o religioso.

Como defendido por Usarski (2013), na citação que fizemos no início do texto, uma característica importante da CR é que ela se dirige à um interesse específico de conhecimento: compreender a religião ou o fenômeno religioso. Dessa maneira, estudar a morte na perspectiva da CR é investigar o tema sob um enfoque que tenha como principal interesse ampliar o conhecimento sobre a religião ou as religiões. Diferente de uma perspectiva psicológica que teria a primazia de ampliar o conhecimento da psique humana, ou de uma perspectiva sociológica que teria maior interesse em ampliar o saber sobre o fenômeno social.

É importante observar que nas Ciências Humanas traçar delimitações entre o social, o psicológico e o biológico é meramente um esforço teórico, já que na experiência concreta os assuntos são intrinsecamente conectados e é possível encontrar inúmeros paralelos entre eles. No caso da CR, saberes psicológicos, teológicos, etnográficos, sociais, neurológicos, biológicos formam uma rede que nos ajuda a compreender a religião ou as religiões. Ele se daria nos estudos sobre o tema da morte na CR. Saberes das diversas áreas poderiam fornecer embasamento teórico e ferramentas de trabalho para a pesquisa, tendo como foco o conhecimento sobre a morte em sua interface com as religiões.

4 - Estudos sobre Morte na pós-graduação em Ciência da Religião da PUC-SP

A temática religião e morte tem crescido significativamente nas pesquisas dos últimos anos desenvolvidas por estudantes ou profissionais da área da saúde (FREITAS, 2016). Mas como tem sido na Ciência da Religião? Os temas aparecem com que frequência?

No repositório de teses e dissertações do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da PUC-SP (2023), nos deparamos um total de 582 trabalhos produzidos pelo programa de 1984 até 2023. Entre eles, apenas dez dissertações de mestrado e uma tese de doutorado tem como temática central a morte.

Para chegar a essa constatação foram observados todos os trabalhos presentes na plataforma pelo seu título e resumos de maneira a identificar se de alguma maneira eles tem como tema central a morte ou temas correlatos (cemitério, encomendação de almas, ritos fúnebres etc.) São elas:

Modalidade	Autor	Título	Ano
Dissertação	José Lino Menegassi	A Morte na Vida Guarani.	1993
Dissertação	Silvia de Luz Souza	A Recomendação das Almas – Estudo de uma Devoção Popular no Sul de Minas Gerais	1997
Dissertação	Maria Cristina Mariante Guarneri	Morte no Corpo, Vida no Espírito. O processo de luto na prática espírita da psicografia	2001
Dissertação	Valéria Lúcia de Camargo	Matar-se em nome de Deus? Uma análise do suicídio praticado por homens e mulheres bombas no Islamismo	2007
Dissertação	Clarissa De Franco	A cara da morte: o imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo	2008

Dissertação	Soemis Martinez Guzman	O mal como condição humana: a negação da morte e seus desdobramentos em Ernest Becker	2011
Tese	Valéria Aparecida Rocha Torres	Diante da morte ainda não somos todos modernos: O ideário do Bem Morrer e o Ethos Católico no Brasil	2018
Dissertação	Victor Pereira Aversa	Saber morrer: o papel pedagógico da morte na doutrina espírita kardecista à luz do ser-para-a-morte heideggeriano e da aceitação da morte enquanto libertação em Leon Denis	2018
Dissertação	Hernán Maximilian Rolim de Vilar	Higashi Honganji: sua história, vinda para o Brasil e práticas de ritos fúnebres	2020
Dissertação	Iomar Travaglin	O Cemitério da Misericórdia e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos: devoção, apagamento e o caminho da aflição em São Paulo	2020
Dissertação	Ramires Henrique de Andrade	A morte e sua compreensão: um estudo a partir de seriados da Netflix e das linguagens da religião	2022

Diante de um total de mais de 582 trabalhos listados no repositório, as 11 pesquisas apresentadas acima representam menos de 2% das pesquisas do programa. E o questionamento que fica é: seria necessário que o número de trabalhos sobre morte na CR fosse mais expressivo?

O que as discussões apresentadas neste artigo indicam é que sim. O tema da morte é altamente relevante tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade. E sua correlação com o tema da religião mostra-se muito pertinente já que a crença religiosa costuma ser uma importante fonte de sentido para experiências de ansiedade existencial.

Mas, Rodrigues (2006) aponta que nas sociedades modernas há uma tendência de apagamento do tema da morte, com a simplificação dos ritos fúnebres:

No curso das últimas décadas do século XX, todavia, nós presenciamos uma verdadeira revolução das práticas funerárias e dos pensamentos e sentimentos a elas associadas. Esta transformação revolucionária, em duas palavras, consiste no seguinte: a morte, que antes foi 'tudo' (sempre foi considerada absolutamente importante pela sociedade e pelos indivíduos), agora começa a ser olhada com aparente indiferença, desaparece do mundo do dia a dia, está em vias de tornar-se 'nada' (RODRIGUES, 2006, p. 163).

Os comportamentos rituais associados a morte que antes eram complexos e repletos de gestualidades que ajudavam na expressão do sofrimento dos enlutados, tornam-se cada vez mais discretos e rápidos. Perde-se o caráter de socialização da dor, desencorajam-se as expressões emocionais mais exaltadas de maneira a evitar que um assunto tão desagradável como a morte se evidencie: há uma tentativa de fazer a morte passar quase que despercebida (RODRIGUES, 2016, p.164-165).

Ariès (2012) afirma que embora o tema da morte sempre se mantenha presente na Literatura e na Filosofia, no cotidiano há uma expectativa de silenciamento quanto ao sofrimento ocasionado pela perda. Quanto ao enlutado, ele aponta que a sociedade moderna "(...) proíbe aos vivos de parecerem comovidos com a morte dos outros, não lhes permite nem chorar os que se vão, nem fingir chorá-los." (p. 227). Quanto ao moribundo a expectativa é de que tenha a elegância e a coragem de ser discreto..." (p. 225).

Bowker (1995) aponta que as concepções que se tem sobre a morte tem implicações diretas sobre a moral, a política e a estética da vida. Ou dito de outra forma, o valor e significado que se dá a morte também se correlaciona com o valor e significado que se dá a vida. Nesse sentido, quando nos deparamos com essa tendência de apagamento do tema da morte, podemos também esperar ela tenha implicações importantes sobre o valor que se dá a vida.

Considerações Finais

No contexto da CR, considerando os aspectos epistemológicos aqui discutidos, o estudo da morte se caracteriza por sua intenção de produzir conhecimento sobre os sistemas simbólicos das religiões. Este campo idealmente se diferencia da perspectiva dos estudos teológicos sobre a morte por não intentar pela defesa da religião e por enfatizarem a uma perspectiva crítica e com bases epistemológicas próprias da ciência.

Por outro lado, quando abordamos a temática da morte na CR, isso não significa que nos basearíamos em uma perspectiva evolucionista tais como as propostas de Herbert Spencer, Edward Burnett Tylor ou Bronislaw Malinowski que defendiam que a morte teria relação com o início do fenômeno religioso. O que torna o tema caro para a CR é o fato de ser muito presente nas diversas religiões, em algumas, inclusive, tendo um papel central.

Outro indicativo sobre a relevância do tema para a CR está na ênfase dada por Bowker (1995), Giovanetti (2016, Vail et. al. (2010) e Freitas (2016) quanto a importância das crenças religiosas para o enfrentamento do sofrimento causado pela morte. Nesse contexto também se evidencia a importância das práticas rituais fúnebres tanto como maneira de reestruturação da comunidade após a perda de um de seus membros como também em seu papel de possibilitar a elaboração individual do luto.

Em complemento à essas reflexões, é importante salientar que a compreensão de morte presente em determinada sociedade, também aponta para a compreensão que ela terá sobre a vida, com todas as implicações pessoais, sociais, políticas e morais que isso possa ter. Inclusive salientamos aqui a noção de necropolítica de Mbembe (2018) que versa sobre os mecanismos para a construção de estados de exceção e como a morte do outro pode ser irrelevante ou desejada.

O presente artigo também tece demarcações epistemológicas sobre o estudo da temática da morte em CR. Considerando o caráter multidisciplinar da área, estudar a morte na perspectiva da CR é investigar o tema sob um enfoque priorize a ampliação de conhecimento sobre a religião ou as religiões sem, contudo, pautar-se pela defesa de um ou outra crença. Nessa perspectiva, consideram-se os diversos aspectos que perfazem a experiência individual e social da morte que tenham interface com as mais diversas crenças religiosas, sejam eles aspectos psicológicos, sociológicos, econômicos, estéticos, morais etc.

Por fim, considerando a relevância do tema e que poucas pesquisas listadas no repositório de dissertações e teses do Programa da Ciência da Religião da PUC-SP abordam a temática, fica o questionamento: por que este número não é mais expressivo? Dada a relevância do tema, deveria ser. Será que o tema só não pareceu interessante aos pesquisadores ou aqui também nos deparamos com o tabu da morte e a tendência de apagamento do tema na sociedade contemporânea?

Referências

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BOWKER, John Westerdale. *Os Sentidos da Morte*. São Paulo: Paulus, 1995.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio, e USARSKI, Frank (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*, São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 37-49.

FARIAS, Miguel; DELMONTE, Romara L. A 'fé científica' dos ateus perante a ideia da morte. In: FREITAS, M. H.; AQUINO, T.A.A.; PAIVA, G.J. *Morte, Psicologia e Religião*. São Paulo: Fonte Editorial; Edições Terceira Via, 2016. p.189-197.

FOUCAULT, Michel. *Society Must Be Defended*. New York: Picador, 2003.

FREITAS, Marta H. Religiosidade e morte na prática do profissional da saúde: implicações para a formação. In: FREITAS, M. H.; AQUINO, T.A.A.; PAIVA, G.J. *Morte, Psicologia e Religião*. São Paulo: Fonte Editorial; Edições Terceira Via, 2016. p. 59-77.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989 (Original publicado em 1973).

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc.* Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

GIOVANETTI, José P. O processo de morrer e a religião na sociedade hipermoderna. In: FREITAS, M. H.; AQUINO, T. A. A.; PAIVA, G.J. *Morte, Psicologia e Religião*. São Paulo: Fonte Editorial; Edições Terceira Via, 2016, p. 59-77.

HANEGRAAFF, Wouter J. Definindo religião, apesar da história. *Religare, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*. Tradução de Fábio L. Stern, v. 14, n.1, p. 220-247, 2017.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magic, Science and Religion and Other Essays*. Illinois: The Free Press, 1948.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PAIVA, Geraldo A. O papel da religião no gerenciamento do medo da morte. In: FREITAS, M.H.; AQUINO, T.A.A.; PAIVA, G.J. *Morte, Psicologia e Religião*. São Paulo: Fonte Editorial, Edições Terceira Via, 2016, p. 13-22.

PEREIRA, J. C. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, p. 2699–2709, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900025>. Acesso em 6 mai. 2023.

REPOSITÓRIO PUC-SP. *Teses e Dissertações do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião PUC-SP*. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1784>. Acesso em: 7 mai. 2023.

RODRIGUES, J.C. *Tabu da Morte*. São Paulo: Editora Fiocruz, 2006

TEIXEIRA, Faustino. Ciência da Religião e Teologia. In: PASSOS, João Décio, e USARSKI, Frank (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*, São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p.175-183.

TORRES, Valéria A. R. Funeral. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola. p. 473-478, 2022.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio, e USARSKI, Frank (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*, São Paulo: Paulinas; Paulus, p. 51-61, 2013.

VAIL, K.E.; ROTHSCHILD, Z.; WEISE, D.; SOLOMON, S.; PYSZCZYNSKI, T.; GREENBERG, J. A Terror Management Analysis of the Psychological Functions of Religion. *Personal and Social Psychology Review*. v. 14, p. 84-94, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1088868309351165>. Acesso em 6 mai. 2023.

Submissão 23/05/2023

Aprovação 22/12/2023